

## A pequena aldeia

## I

Onde se acha a pequena aldeia? Por acaso esconde as suas casas brancas em terreno curvo? Agrupam-se em torno d'uma igreja no fundo de alguma cova? ou alegremente seguem umas ás outras á beira de uma grande estrada? ou ainda, sobem n'uma encosta, como cabras caprichosas, mostrando e occultando a meio, nas verduras, seus telhados cor de rosa?

Tem a pequena aldeia um nome que toque docemente o ouvido? E' um nome tereno, facil aos labios francezes, ou algum nome allemão, brusco, arripiado de consoantes, rouquenho como um piado de corvo?

E colhe-se, vindima-se na pequena aldeia? A terra é de trigo ou de vinha? N'este momento o que fazem os habitantes nas terras, em pleno dia?

De volta, á tarde, á margem das veredas, nam elles para ver de um espraiair de vista as innumeradas colheitas agradecendo ao céo pelo anno feliz?

## II

Eu ajuizo de boa vontade sobre uma colina. Lá está, tão escondida por entre as arvores, que de longe tomar-se hia por um amontoado de rochedos cobertos de musgo. No entanto fumaças desprendem-se de suas casinholas brancas, n'um trilho que desce pela ladeira; creanças puxam um carrinho. Então, da planície levanta-se um olhar ciumento; passa-se guardando a lembrança deste ninho divisado.

Não, eu avalio melhor n'um canto da planície, á beira de um regato. E' tão pequena que uma cortina de alamos esconde-a de todas as vistas.

Suas cabanas semelhantes a castas banhistas desaparecem por entre os vinhedos da ribanceira. Serve-lhe de tapete um pedaço de verdejante prado; cinge-a de todos os lados uma sebe espinhosa, como um grande jardim. Passa-se ao lado dellá sem perceber, sôa o cantar das lavadeiras semelhantes as vozes de toutinegras. Nem um espiral de fumo. Dorme silenciosa no fundo de sua alcova verde.

Nenhum de nós a conhece.

A visinha cidade sabe apenas que ella existe, tão humilde que geographo algúm d'ella cuidou Nada representa. Seu nome pronunciado não desperta lembrança alguma. Na turba das cidades, entre os nomes brilhantes, é desconhecida, sem historia, sem glórias e sem torpezas. que modestamente se escureçam. E é por isso talvez que ella, a pequena aldeia, sorri docemente. Seus camponezes vivem no deserto; seus filhinhos rolam na encosta; suas mulheres fiam á sombra das arvores. Ella, toda feliz em sua obscuridade, enche-se de alegrias do céo. Está tão longe da febre e do barulho das cidades! Basta-lhe um raio de sol; este silencio, esta humildade, esta cortina de alamos que a esconde do mundo inteiro constitue a sua alegria.

## III

E amanhã talvez o mundo inteiro saberá que ella existe, a pequena aldeia. Ah! miseria! A ribeira tornar-se-ha vermelha, a cortina de alamos será arrasada pelas balas, as cabanas destruidas, mostrarão o silencio mudo das familias, será celebre a pequena aldeia. Nem mais o canto das lavadeiras, nem os rapazolas rclando pela encosta, nem mais colheitas, nem silencio, não mais a humildade feliz. Uma nova pagina sanzuiolenta, um novo canto do retiro regado pelo sangue de nossos filhos.

Ella ri-se, dorme, ignora que dará seu nome a uma mortandade e amanhã soluçará, retinirá na Europa com estertores de agonia. Depois ficará na terra como uma macula de sangue. Ella tão alegre, tão terna, cercar-se-ha de um circo de penumbra, sinistra, verá pallidos visitantes passar diante de suas ruinas, como passa-se diante das lousas da Morgue. Será a araldicoada. Nós, em Austerlitz, em Magenta, ouviremos soar em nossos corações o retinir dos clarins.

Mas em Waterloo, rolará lugubrememente em nossas memorias, como o som d'um tambor coberto de lucto, conduzindo os funeraes da nação.

Então lastimará suas ribas solitarias, seus camponezes obscuros, sómente conhecida pelas andorinhas que em cada primavera voltarão para visital-a! Maculada, vergonhosa, com seu céo coberto de uma nuvem de corvos, e suas ferrejs terras cheirando á morte, viverá eternamente e através os seculos, como sitio temeroso! um retiro ennegrecido onde duas nações serão decapitadas.

O ninho de amor, o ninho de paz, a pequena aldeia não será mais do que um cemiterio, uma valla commum, onde as mães lacrimosas não poderão depôr saudades.

## IV

A França semeou pelo mundo estes cemiterios longinquos. Nos quatro cantos da Europa, poderíamos ajoelhar-nos e orar. Nossos campos de repouso não se recordam sómente do Pére-Lachaise, Montmartre, Mont-Parnasse; lembram-se ainda do nome de todas as nossas victorias e nossas derrotas.



ELEONORA DUSI CHECCHI

Não ha, sob o céo, um canto de terra onde não esteja occulto um francez assassinado da China ao Mexico, das neves da Russia ás areias do Egypto.

Cemiterios silenciosos e desertos que dormem tristemente na paz immensa do campo.

A maior parte, quasi todos, abrem-se junto d'alguma cabana abandonada cujos muros em ruinas ainda estão cheios de terror. Waterloo não era mais do que uma herdade. Magenta contava apenas cinquenta casas.

Um vento temeroso soprou por estes logares infinitamente pequenos, e suas syllabas, innocentes na vespéra, tomaram um tal cheiro de sangue e de pó que a humanidade sempre temerá sentindo-as em seus labios.

Pensativo olhava uma carta do theatro da guerra. Eu seguia as margens do Rheno, interrogava as planícies e as montanhas. Estava a pequena aldeia á esquerda ou á direita do rio?

Era preciso procural-a nos arredores das praças fortes, ou mais longe, n'alguma vasta solidão?

Então eu experimentei, fechando os olhos, idealisar esta paz, este resposteiro de alamos erguidos diante das casas brancas, esta câmpina por onde voando rastejam as andorinhas, estas canções das lavadeiras, esta serra virgem que a guerra vae violar, e cujos clarins annunciarão brutalmente a nodoa aos quatro pontos do horizonte.

Onde está ella, a pequena aldeia?

Estava na Alsacia a pequena aldeia — chamava-se Wérth.

EMILIO ZOLA.

## Louco

A MACHADO DIAS

Pobre ser infeliz! Allucinado  
Eil-o a estorcer-se, irado, na corrente  
Como um jaguar terrífico guardado  
Na jaula estreita—carcere pungente.

Do amor não sente o estimulo sagrado,  
Do mundo o goso lhe é indifferente,  
Não se recorda nunca do passado  
Não sente a dor ferina do presente.

Odeia a tudo, a Deus, a criancinha,  
Seu pesado grilhão; grita, pragueja  
O céo e o sól, raivoso, blasphemando.

Mas quando avista a mãe, doce velhinha,  
Cahe de joelhos pressuroso, e beija  
A sua dextra tremula, chorando.

JOÃO CAVALCANTI.

## CHRONIQUETA

Rio, 18 de Março de 1894.

Não creio que durante estes seis mezes de ausencia as formosas leitoras da *Estação* tivessem saudades da minha prosa. Os tristes acontecimentos a que assistimos nesse do loroso periodo da nossa historia, não davam logar a outro sentimento que não fosse o da indignação causada pelo ignominioso bando de aventureiros que enxovalharam os galoes da Armada Nacional.

Com o meu coração de patriota cruelmente ferido por essa ignobil aventura que por pouco mais seria o aniquillamento da Patria Brasileira, sem outro assumpto com que pudesse entreter as leitoras, preferi depor a minha penna ligeira e frivola de chroniquetista a remexer com ella, de quinze em quinze dias, n'um periodico de senhoras, o lixo nauseabundo da Revolta.

Hoje, felizmente, o governo legal conseguiu, com a força do direito e com o direito da força, vencer e subjugar a esses brasileiros desnaturados; a revolta foi suffocada no porto do Rio de Janeiro, e brevemente o será nos outros pontos do paiz onde domina ainda essa canalha infrene.

A esquadra do governo, pela qual todos nós suspiramos durante longos mezes, entrou serenamente nas aguas da Guanabara sem dar um tiro, ou antes, dando tiros de alegria, porque—oh, vergonha!—onde julgava encontrar marinheiros valorosos, promptos para defender-se, ella achou uma sucia de poltrões, fugindo cobardemente para bordo de hospitaleiros vasos portuguezes.

Essa victoria extraordinaria e brilhante devemol-a ao marechal Floriano Peixoto, a honra militar que se fez homem. Não fosse elle, e o nosso querido paiz a estas horas estaria entregue a essa horda de bandidos agaloados; não haveria dinheiro no The-souro que bastasse para pagamento dos miseraveis que os serviram, e a ruina e o descredito seriam inevitaveis e completos.

Honra a Floriano Peixoto, que em 15 de Novembro entregará o governo forte e honrado nas mãos de Prudente de Moraes, o seu illustre successor, eleito, ou antes, aclamado presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil.

\*

Escriptas essas linhas que não podiam escapar ao meu entusiasmo e ao meu patriotismo, declaro ás leitoras que aqui estou de novo no meu posto de chroniquetista, prompto a glazar, na a navel companhia de suas excellencias, os factos de mais preponderancia que forem occorrendo nesta muito heroica e bombardeada cidade.

ELOY, O HERÓE.

## A esposa

I

Na roça: estrondou um tiro, viu-se até o fuzil, e o estrondo lá foi por ali, adiante, a rolar como uma rocha que anda cahindo de echo em echo.

O facto causou alvoroço: era noite escura e tarde. Escura é sempre a noite na roça, e fóra de horas tambem é sempre.

A gente daqui recolhe-se com as galinhas para acordar com os galos: ao anoitecer tudo dorme. Isto é que é innocencia. Ao amanhecer tudo acorda. Que actividade!

— Mas emfim que é que houve?

— O marido da Joanna deu um tiro no ar.

— Hom'essa! Talvez para matar alguma coruja.

— Qual, nada. Elle berrou, deu um tiro, cahiu e foi preso.

— Pois elle foi que deu o tiro, e cahiu?...

— Ora si cahiu: elle estava mais carrégado do que a espingarda

— Entendo, mas não foi bem explicado.

— Espere, que já vamos saber tudo: levaram-no á casa do Sr inspector, por outra: commissario.

II

— Aqui está o homem. Quasi levaram-no de rastros.

— Não entro. Quero dar outro tiro!

Algumas pessoas recuam, outras riem.

— Senhor Manoel, já não é a primeira vez que vosmecê vem á minha presença.

— Mas senhor commissario, V. S. não sabe quem é o Arlindo.

— Quiz dar-lhe um tiro, não é?

— Não senhor; eu é que lhè quiz dar um tiro.

O commissario corou com o calembourg.

— Sim; que é mais?

— E eu não lhe devo nada. Juro que elle ha de me pagar.

— Espere, homem de Deus...

Neste momento houve um grande barulho á porta: gritaria, rufar de tamancos, e entrou uma mulher... uma mulherona: bonita!



## O Julinho

— Então, doutor, então, falle-me com toda a franqueza; diga-me sem rodeios, ha alguma esperanza; será possível salvar o meu querido filhinho?

E a desolada mãe, afflicta, angustiada, quasi louca, fitava o medico, com um olhar em que se lia a dor mais profunda.

A custo repremia as lagrimas e os soluços contidos com esforço faziam-lhe arfar o seio.

Uma tortura sem nome.

— Diga, doutor, diga: posso ainda esperar alguma coisa? Meu filhinho se salvara?

— Psiu! fez o medico, levando o dedo aos labios. Não falle; já disse que é preciso o maior silencio; não quero absolutamente que despertem o pequeno. Este somno é talvez a sua salvação.

E voltando-se para o menino continuou a tomar-lhe o pulso.

A pobre mãe, mordendo nervosamente um lenço rendado que já tinha molhado de lagrimas, sahíu da alcova e atirou-se sobre uma cadeira de balanço, na

sala de visitas, enterrando a cabeça entre as mãos.

O marido passeiava agitado, fumando um charuto, com as mãos no bolso.

O medico, o Dr. Jacintho de Abreu era um velho clinico, de physionomia sympathica, pratico na sua profissão e que a ella se dedicava de corpo e alma.

Chamado para ver o doentinho, conhecera logo a gravidade da molestia...

Durante oito dias, noite e dia, luctara com todos os recursos de que podia dispor contra a morte que se avizinava da pobre creancinha, do Julinho, o filho unico de seu amigo Almeida Graça e de D. Mathilde Graça.

Era uma lucta titanica, colossal, entre a sciencia e a molestia que se avantajava, cada vez mais.

A natureza robusta do pequeno ia se enfraquecendo e o esculapio via com horror que, sem um reactivo energico, tinha de ceder o campo á morte. Mas luctava ainda.

E no momento em que o encontramos, debruçado sobre o pequeno leito do Julinho, leito abrigado por um rico cortinado de rendas, travava elle o seu ultimo e definitivo combate.

Applicara o remedio extremo: examinava os efeitos da sua última receita.

— Nada mais tenho a fazer, depois disso, declarou elle aos desolados paes.

Se for feliz, esta salvo seu filho; se não o for, resignemo-nos aos decretos da Providencia que pôde mais que toda a sciencia dos homens.

O medicamento prostrara o enfermo e o reduzio a uma especie de lethargia, mesmo a um certo estado comatoso, muito parecido com a morte.

O effeito devia infallivelmente manifestar-se dentro, de duas horas... A applicação fora feita, havia hora e meia, consequentemente faltava apenas meia hora, para que o velho doutor lavrasse a sentença final.

O silencio que reinava em toda a casa era profundo; não se ouvia o menor ruido; a criada andava nas pontas dos pés para não fazer bulha e o caosinho, o *Bijoux*, fora condemnado a ser amarrado no fundo do quintal.

Assistia-se como que ao julgamento de um grande criminoso sobre cuja cabeça devesse pesar todo o rigor da lei.



### CRÈME SIMON

PARA

conservar ou dar  
ao rosto  
FRESCURA  
MACIEZA  
MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmospheria, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benefica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

**J. SIMON, 13, Rue Grange-Batelière, PARIS**

PHARMACIAS, PERFUMERIAS  
e lojas de Cabellerei.os.

Desconfiar das Imitações.

### METHODO INFALLIVEL

## DE MOCIDADE E DE BELLEZA

perpetuas, creada pela

PARFUMERIE EXOTIQUE, 35, Rue du 4 Septembre, à Paris

com o auxilio do succo benefico das flores e das plantas que entram na composição de seu cosmetico.

Citemos entre outros:

**L'Eau et la Crème** que parecem ter vindo entre nós sobre a aza perfumada do zephiro para apagar a ruga, o tise, as sardas, purificando, amaciando e clareando a pelle.

**Brise Exotique** suave pó de a toz que dá á epiderme uma alvura transparente rosada que idealisa o semblante.

**La Fleur de Pêche** que vos faz essas maos de marquezas que os abbades galanteadores do seculo passado declaravam serem simplesmente adoraveis;

**À Pate des Prelats** completa a obra da pasta dando á mão alvura transparente veuada de azul e

**La Poudre des Prelats** preparado com principios iguaes aos da pasta, lustra-a, refresca-a e purifica-a; a sua espuma unctuosa communica-lhe delicioso perfume ao penetrar nos poros.

Cumpre exigir o nome e a direcção da

PARFUMERIE EXOTIQUE, 35, Rue du 4 Septembre, à Paris

sobre todos os productos, para certificar-se de que sao verdadeiros.

## NINON DE LENCLOS

escarnea a ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Ja passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava a cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. «Muito verde ainda!» via-se obrigado a dizer o velho rebugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista razeira jamais couhara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella epoca, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON**, MAISON LECONTE, Rue du 4 Septembre, 51 à PARIS.

Esta casa tem-na a disposição das flossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provem, por exemplo, o

### DUVET DE NINON

pó de arroz especial e refrigerante;

### Le Savon Crème de Ninon

especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

### LAIT DE NINON

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

### LA POUDRE CAPILLAIRE

que faz voltar os cabellos brancos a cor natural e existe em 12 cores;

### SEVE SOURCILIERE

que augmenta, engrossa e brume as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar;

**LA PATE ET LA POUDRE MANODERMALE DE NINON** para a finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Em Casa de todos  
os  
Perfumistas  
e  
Cabelleiros  
de  
França  
e do  
extrangeiro

PÓ  
DE  
FLOR

DE  
ARROZ  
especial

PREPARADO  
COM BISMUTHO  
por

**CH. FAY**

Perfumista

9, Rue de la Paix, 9

PARIS

## Perfumaria

# E. COUDRAY

### PÓS DE ARROZ

Magnolia — Opoponax — Lacteina  
Heliotropo branco  
Edelveiss — Velutina superior.

### Perfumaria de Lacteina

Oleo de Quina — Agua divina  
Perfumaria Primavera

Bouquet choisi — Perfume para o Lenço

PARIS — 13, Rue d'Engliem — PARIS

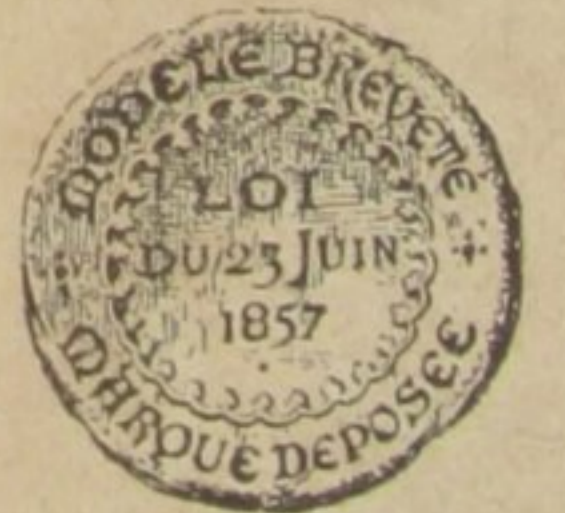
Depositos em todas as Perfumarias, Pharmacias  
e Cabellereiros da America.

## M<sup>mes</sup> DE VERTUS SŒURS

de PARIS

12, Rue Auber, 12

desejando pôr termo á contrefacção detestavel, tanto pela forma como pelos aviamentos empregados, tem a honra de prevenir a sua clientela que os "*Verdadeiros espartilhos*" sahindo realmente da Casa de **VERTUS Sœurs**, levarão a datar de 1892, uma medalha presa do espartilho por uma fita vermelha tendo impressa a *Marca da Casa*.



Esta marca é depositada em França e no Brazil e toda a contrefacção será perseguida conforme á lei.

Eram dez e 45 minutos. A's 11 horas devia decidir-se a sorte do pequeno: a vida ou a morte.

E o angustiado pae, continuava a fumar nervosamente, constantemente, como se o fumo do charuto lhe desse algum alivio ás magoas.

— Dez e cincoenta e cinco, murmurou elle olhando novamente para o relógio, cujo tic-tac monotono continuava a pingar no silencio da sala.

Faltava apenas cinco minutos.

E estes cinco minutos valiam perfeitamente cinco seculos, cinco longos seculos de afflicções e de martyrios, sem nome.

O doutor continuava a examinar cuidadosamente o enfermosinho. . acompanhava com anciedade a sua respiração demorada e offegante. Todo elle era attenção para o seu doente.

Subito o relógio começou a bater onze horas!

O doutor levou as mãos á cabeça, com um gesto de desespero.

Estava tudo perdido!

O pobre pae cahio desanimado n'uma cadeira; a desolada mãe soluçava no quarto em que fazia preces á Virgem Santissima.

De repente porém ouviu-se uma voz murmurar, muito fracamente.

— Mamã! Mamã!

— Está salvo! gritou o medico.

D. Mathilde ouvira o grito do facultativo e precipitara-se em direcção ao gabinete onde estava o filho.

N'um arranco de amor maternal, tomou-o nos braços, beijou-o longamente, apaixonadamente.

Depois voltando-se para o doutor, sem que este tivesse tempo de impedir-lhe os movimentos, tomou-lhe uma das mãos e depoz nella um beijo.

— Doutor, exclamou ella, devo-lhe mais que a vida; devo-lhe o meu querido filho.

O pae enxugava na sala, uma lagrima, furtivamente.

O medico, ao retirar-se, dizia com os seus bôtoes:

— Uma coisa assim sempre consola; salvei a alegria e a felicidade de um lar.

P. M.

## Commigo

A AMABILINA\*

D'essa dor que teu peito assim tortura  
Não penses que elle só é quem partilha,  
Si caminhas da mágoa em dura trilha  
Vou comtigo em caminho d'amargura.

Como posso gosar doce ventura  
Si vejo que padeces, minha filha?  
Si aquelle olhar bondoso já não brilha  
E' que sumiu-se em fria sepultura...

Tua frente repousa no meu peito,  
Ao menos deixa que eu te enxugue o pranto  
Emquanto a face minha se humedece.

Estou já velho, filha, e á dor affeito,  
Sei que soffres, porque hei soffrido tanto:  
Só sente mágoas quem d'ellas padece.

A. J. TEIXEIRA LOPES

2 de Março de 1894.

## A «Opera-lyrica»

Nossas gentis leitoras devem ter lido já em algumas das folhas diarias, a noticia da appareição deste formoso volume de poesias. «Breviario de saudade e de ternura»—chamou-lhe *Marcello*, ou por outra, *Eduardo Salamonde*, o brilhante chronista das *Notas da semana*, d'*O Paiç*. E Arthur Azevedo, o nosso bom, o nosso querido Arthur, tão conhecido das leitoras d'*A Estação*, affiançou n'uma das suas *Palestras*:—«... a *Opera-lyrica* não é um volume vulgar, desses que surgem e logo se somem, sem deixar vestigios de sua passagem».

Alguns dos trabalhos poeticos de Pedro Rabello, o moço auctor da *Opera-lyrica*, figuram no nosso *Al-*

*manak das Fluminenses*. Lá estão, por exemplo, *De longe*, *Frio...*, *A Theophilo Braga...* Vamos transcrever aqui outros, não menos dignos de leitura e de applauso. Seja o primeiro delles *Ténebras* esse delicioso soneto tão brilhante que se diria a *crystallisação etherea de uma lagryma* na phrase de *Eduardo Salamonde*:

TÉN BRAS

Porque mais te não vejo, mais te sinto  
Perto... Mais perto dos teus olhos ando.  
Diz-m'o não sei que delicioso e brando,  
Como os vagos instinctos, vago instincto.

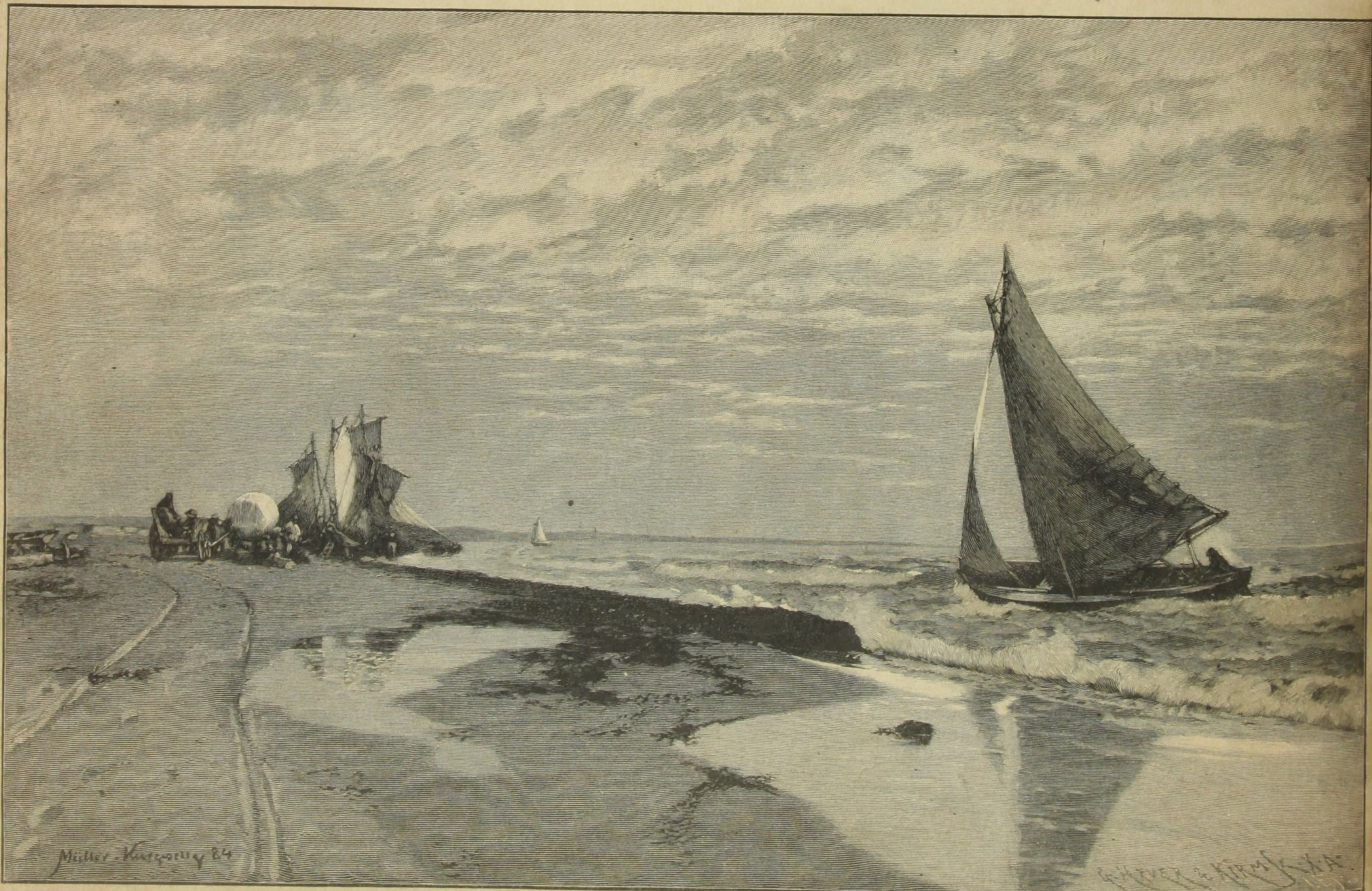
'Stás perto, sinto-te... E de quando em quando,  
«Busca-a!» manda uma voz... «Busca-a!» Consinto,  
E quando de labyrintho em labyrintho,  
Cégo, paredes humidas tacteando...

Quem me hade os olhos descerrar? Teus olhos,  
Pela doce alegria de trazer-m'os,  
Quem m'os hade mostrar nesta anciedade?

E amontoam-me escolhos sobre escolhos...  
— Almas enfermas, corações enfermos,  
Qual de vós é que soffre esta saudade?

Não é verdade que esse divino soneto nos dá vontade de bater palmas ao moço que o escreveu? Aliás, a imprensa toda já lhe fez a justiça que merece. A *Semana* disse pela palavra auctorizada de João Ribeiro:—«Pedro Rabello é um dos mais bellos talentos da nova geração, e, ao certo, não precisa mais de recommendação litteraria no jornalismo». Parece-nos que essa opinião é d'aquellas que se devem acatar.

Mas, veja-se este outro soneto da *Opera*. E' a historia simples de uns versos escriptos em certa pagina de um album—*Pagina 102*. O pranto que arrancam aquella que os inspirou, apaga-os a pouco e pouco. Outros os substituem, para que novo pranto—o do poeta—os apague. Tão simples... Leiam-n'os:



UMA MARINHA

PAGINA 102

Magua horrenda, ancia horrenda, ciume horrendo,  
Esta misera pagina continha,  
E Ella, por lel-a, dos seus olhos vinha,  
Vinha um fio de lagrymas descendo.

Esta os seus olhos que choravam lendo,  
Mais do que as outras paginas detinha,  
E áquelle pranto pela angustia minha,  
Iam-me os versos desapparecendo.

A sua ultima lagryma desfel-os.  
Hoje estes mesmos pobres versos choram,  
O logar dos antigos occupando.

E estes, como os primeiros, que os seus bellos,  
Seus tristes olhos apagando foram,  
Vão-se-me agora aos poucos apagando.

Iriamos longe, se fôssemos a transcrever todas as  
bellezas da *Opera-lyrica*. O livro é bom, resta que o  
leiam. E a proposito; a *Opera* sera um successo de li-



## A AVO

raria? Talvez... Que nos responda o gerente cá de  
asa. Em todo caso, esperemos. A época não é das  
meiores para a litteratura nacional.

## MOSAICO

Acaba de ser decidido pelo Santo Synodo que as  
pessoas que se casam pela segunda vez terão de sup-

portar uma penitencia publica durante tres a cinco  
annos.

No que concerne ás viúvas, com mais de sessenta  
annos que se tornarem a casar terão de soffrer a  
mesma penitencia durante dois annos.

\*

As obras boas, dizia Victor Hugo, são boas, porque  
são boas mesmo, independente de escolas e de theo-  
rias que nada valem, quando não se tem talento.

## ECONOMIA DOMESTICA

Colorido das madeiras brancas

Esfregando-se um soalho com hastes de alcachofra,  
frescas—ou com cascabulhos ou cascas de batatas  
novas—pode-se dar á madeira uma cor muito seme-  
lhante á do carvalho.

### AS NOSSAS GRAVURAS.

#### Dusi Checchi

O retrato que offerecemos hoje ás nossas gentis leitoras é de uma das mais assombrosas actrizes dos tempos modernos. O nome de Dusi Checchi é pronunciado ainda hoje com respeito, admiração e entusiasmo por quantos tiveram a ventura de ouvi-la.

Eleonora Dusi Checchi conquistou e dominou completamente as nossas plateias.

Não é talvez tão celebre como a grande Sarah Bernardt; não tem mesmo a educação artistica da eminente tragica franceza; mas em certos papeis leva-lhe vantagem... é menos convencional, é menos classica; mas, muito mais nervosa, muito mais vibrante de sentimento e de naturalidade.

Dusi Checchi prometeu-nos para breve uma nova visita. Que venha quanto antes.

#### Uma marinha

E' uma marinha o que representa o nosso quadro, uma marinha encantadora, em uma tarde poetica de verão, ao cahir do sol.

Uma multidão de impressões poderá deixar, do espirito de nossas leitoras o quadro que reproduzimos. Quem não conhece a influencia poderosamente nostalgica destas tardes quentes, no mar em que o sol, ao sumir-se no horizonte, espalha por toda a parte uma como que sensação de outra existencia, de outra vida, mais alegre, mais suave, do que a existencia e

vida sub-lunares, tão atormentada, tão sacudida por toda a sorte de vendavaes?

O quadro de Muller é um dos seus mais proveitosos e mais applaudidos estudos.

#### A avó

Nunca será demasiadamente explorado o estudo deste mundo de affectos e de ternuras que se aninha n'um coração octogenario.

A gravura que damos, com o titulo *A avó* representa um passeio pelo campo de uma velhinha, em pleno declinio da vida, encostada ao braço da neta, aspirando a frescura das flores, a brisa fragrante das florestas.

Ella tem a cabeça inclinada para a terra, como que em procura do seu repouso derradeiro; mas é feliz sempre, porque sente ao seu lado, apoiando-a, amparando-a, a neta, já moça, já esvelta, que é sua tilha também, porque é filha de sua filha e á quem quer muito e por quem muito pede a Deus, nas suas orações da noite.

A mocidade e a velhice; os dois extremos que se tocam, que se ligam, pelo mesmo impulso de affecto, de amor e de carinho.

E' bem possivel que a neta fitando o horizonte, espere alguém que lhe falte. E' bem possivel que por momentos, mas só por momentos, o seu pensamento vòe em busca de outros pensamentos, ficando temporariamente esquecida a velhinha a quem serve de amparo.

— Mas não será isso tão natural? murmurará consigo mesma a octogenaria, feliz, por ver que a neta o

é, sentindo que ella já desabrochou para as expansões do amor, contente por ter certeza de que a pequena já abriu o coração e deixou que delle se evolassem os perfumes da candidez e da ternura.

Vão as duas, unidas pelo extremo da idade e pelos extremos do carinho, campo a fora, uma feliz com a felicidade da outra, nesta dualidade de corações que se comprehendem.

### CORRESPONDENCIA

74144 — Carmo — Com alguma attenção pode V. Ex. cortar os seus des pelas folhas que publicamos e alteral-os para que convenham a todos feitos. Nada adiantam os jornas que dão moldes cortados, pois não dar mais de um molde em cada numero enquanto a Estação chega a publicar em uma folha 20 moldes todos claros e faceis de se levantar e cortar.

Lilina — Não ha regra para taes vestuarios. Um vestido de sarão não é o que convém.

Ernestina C. B. — A Estação publica 24 numeros no anno, sendo 14 em folhas de moldes e 10 sem esse annexo. Cumpre porém notar que nos 14 folhas vão figurados mais de 400 moldes em tamanho natural, quantidade que nenhuma outra folha de mod's apresenta.

67:12 — Therezina — Vide o numero de 15 de Setembro de 1892. Não podemos repetir o que já foi publicado em nossas columnas.

Rosalinda — Percorrendo todos os numeros de um anno da Estação para V. Ex. que contém elles todos os generos de peças de vestuario, quer para senhoras, quer para moças e crianças, tanto na roupa branca como em vestidos e capas, apropriados para todos os fins.

Leitora assidua — Está no prelo o nosso novo *Tratado de Costura* que é a obra mais completa que se tem publicado sobre o assumpto e comprehendendo todas as informações possiveis acompanhadas de numerosas estampas.

Em Petr'polis — Pode ser remetido o que deseja, mas, é mais prudente ir em mão de algem que tenha o devido cuidado.

**DELETTREZ**  
EM PARIS  
INVENTOR DA NOVA  
**PERFUMARIA**  
extra-fina  
DE  
**AMARYLLIS**  
DU JAPON

Recommandada pelas Celebridades Médicas

Sabonete . . . . . de AMARYLLIS DU JAPON  
Pó de Arroz . . . . . de AMARYLLIS DU JAPON  
Essencia . . . . . de AMARYLLIS DU JAPON  
Agua de Toucador . . . . . de AMARYLLIS DU JAPON  
Vinagre de Toucador de AMARYLLIS DU JAPON  
Oleo para os Cabellos de AMARYLLIS DU JAPON  
Brilhantina . . . . . de AMARYLLIS DU JAPON

3 Medalhas nas Exposições Universaes de 1878 e 1889

**T. JONES**  
Fabricante  
de Perfumaria Inglesa extra-fina

**VICTORIA ESSENCIA**  
O mais delicioso perfume do Mundo.  
Grande colleção de extratos extra-finos para lenço.

**FLUIDE IATIF**  
Macia a pelle, embelleza-a e a torna flexivel  
Faz desaparecer as espinhas e as rugas. Alivia toda e qualquer irritação proveniente da mudança de clima e dos banhos de mar. Ba-ta empregal-o uma só vez para curar as rachos das mãos e dos heijos.

**LA JUVENILE**  
Branca, Cór de Rosa ou Cór Rachel  
Pó sem mistura alguma chimica, adherente e invisivel para os cuidados do rosto, dando-lhe e conservando-lhe a mocidade e frescura.  
Preparado especialmente para ser empregado com o fluido iatif.

**LAIT IATIF, chamado LILY WASH**  
para embellezar a tez.  
Este leite de cór branca, cór de rosa ou cór Rachel foi o alvo de pesquisas muito especiaes. Substitue todos os arrebiques, e pode ser empregado, sem o menor recelo, no rosto, nos braços e nas espaduas.

**CREAM IATIF**  
Conserva-se em todo-o climas, ba-ta experimental-o para que se fique convencido da sua superioridade sobre os outros Cold-Creams.

**AGUA DE TOUCADOR JONES**  
Tonica e refrescante. Excelente contra as picadas de insectos.

**ELIXIR E PASTA SAMOHTI**  
Dentifricio antiseptico e tonico. Branquea os dentes e fortifica as gengivas.

23, Boulevard des Capucines, 23, PARIS  
Depositos em todas as principaes Perfumarias.

**CORYLOPSIS DO JAPÃO**

U. T. PIVER em PARIS  
NOVA PERFUMARIA Extra-fina

SABÃO . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
EXTRACTO . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
AGUA DE TOUCADOR ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
LOTION . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO

PÓ DE ARROZ . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
BRILHANTINA . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
OLEO . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO  
POMADA . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO

日本香水

**XAROPE DE DENTIÇÃO**  
do Dr DELABARRÉ

Xarope sem narcotico recommendado ha ja 20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos os accidentes da primeira dentição.

Egija-se o Carimbo official e a assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz  
e em todas as pharmacias

**PILULAS DE BLANCARD**

APPROVADAS PELA  
ACADEMIA DE MEDICINA  
DE PARIS

Resumem todas as  
Propriedades  
do IODO  
e do FERRO.

40  
Rua Bonaparte  
PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a Anemia, Chlorose e todos os casos em que se trata de combater a Pobreza do Sangue.

**PILULAS DE PEPSINA**  
DE  
**HOGG** Pharmaceutico  
EM PARIZ  
2, rua de Castiglione

**1º PILULAS NUTRIMENTIVAS**  
de Pepsina acidificada contra as affecções gastralgicas, dispepticas, etc., e nos casos em que a digestão é difficil ou impossivel. — 5 Fr. o frasco de 100 pilulas, 3 Fr. o meio frasco.  
Dose: 2 pilulas antes 2 outras depois das refeições.

**2º PILULAS** de Pepsina e de Ferro reduzido pelo hydrogeneo contra as molestias chronicas e as affecções que dependem dellas (perdas brancas, côres pallidas, menstruações difficilis) e para fortificar os temperamentos debilitados. — 4 Fr. o frasco, 2 Fr. 50 o meio frasco.  
Dose: de 2 a 4 pilulas por dia pela manhã e a noite.

**3º PILULAS** de Pepsina e Iodureto de Ferro contra as molestias escrofulosas, limphaticas e syphiliticas, a phtisica, a cachexia chlorotica e as affecções atonicas geraes da economia. — 4 Fr. o frasco, 2 Fr. 50 o meio frasco.  
Dose: 2 a 4 pilulas por dia pela manhã e a noite.

Estas tres sortes de pilulas são prescriptas diariamente pelos mais conceituados medicos.

DEPOSITO nas principaes PHARMACIAS do BRAZIL

**PAPEL E CIGARROS**  
**ANTI-ASTHMATICOS**  
de Bin BARRAL

Recommandados pelas summidades medicas. Preparações muitissimo efficazes para a cura da ASTHMA, das OPPRESSÕES, das ENXAQUECAS, etc. 15 ANNOS DE SUCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Pariz  
e em todas as pharmacias.

**NUNCA APPLIQUE-SE UM**  
VESICATORIO SEM SE TER O

**VESICATORIO DE ALBESPEYRES**

o MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS  
Exija-se a Assignatura ALBESPEYRES no LADO VERDE  
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faub' St-Denis, PARIS  
E AS PRINCIPAES PHARMACIAS.